

ROBERT DARNTON

O diabo na água benta

*Ou a arte da calúnia e da difamação
de Luís XIV a Napoleão*

Tradução

Carlos Afonso Malferrari

Copyright © 2010 by Robert Darnton

Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução do todo ou de parte do todo, em qualquer formato

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The devil in the holy water or the art of slander from Louis XIV to Napoleon

Capa

Mariana Newlands

Imagem de capa

Um autor, J. Emmanuel La Coste, posto no pelourinho em 1760 por ter escrito libelos.

Bibliothèque Nationale de France.

Preparação

Isabel Junqueira

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen S. da Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Darnton, Robert

O diabo na água benta Ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão / Robert Darnton ; tradução Carlos Afonso Malferrari. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The devil in the holy water or the art of slander from Louis XIV to Napoleon.

ISBN 978-85-359-2128-1

1. Autores e editores - França - História - Século 18 2. Calúnia e difamação - França - História - Século 18 3. Calúnia e difamação na literatura 4. Direito e literatura - França - História - Século 18 5. Editores e editoras - França - História - Século 18 6. Literatura alternativa - Editores - França - História - Século 18 7. Literatura e sociedade - França - História - Século 18 8. Literatura francesa - Século 18 - História e crítica i. Título. ii. Título: A arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão.

12-05634

CDD-840.9005

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Século 18 : História e crítica	840.9005
2. Século 18 : Literatura francesa : História e crítica	840.9005

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução.....	13
-----------------	----

PARTE I — LIBELOS ENTRELAÇADOS

1. O gazeteiro encouraçado	23
2. O diabo na água benta	38
3. A polícia de Paris desvelada	55
4. A vida secreta de Pierre Manuel	68
5. O fim da linha	77
6. Bibliografia e iconografia	79
7. Leituras	101

PARTE II — ATIVIDADE POLÍTICA E TRABALHO POLICIAL

8. Calúnias e política	129
9. A polícia antilivros em ação	139
10. Um agente duplo e seus autores	150
11. Missões secretas	168
12. Azafamados e atarantados	182
13. Emboscada	201

14. A perspectiva de Versalhes	213
15. O diabo na Bastilha	221
16. Boêmios anteriores à boêmia	233
17. O caminho da Revolução passa por Grub Street	250
18. Da difamação ao terror	269
19. Palavras e atos	290
20. Pós-escrito, 1802	303

PARTE III — LIBELOS COMO LITERATURA: INGREDIENTES BÁSICOS

21. A natureza dos libelos	309
22. Anedotas	323
23. Retratos	359
24. Notícias	376

PARTE IV — LIBELOS COMO LITERATURA: VIDAS PRIVADAS

25. Metamorfoses revolucionárias	409
26. Sexo e política	430
27. Decadência e despotismo	448
28. Depravação real	474
29. Vidas privadas e assuntos públicos	503
Conclusão	523
Notas	531
Agradecimentos	605
Índice remissivo	607

1. O gazeteiro encouraçado

Diante da primeira das quatro ilustrações apresentadas no início deste livro, somos quase compelidos a uma pergunta que deve fazer parte do começo de qualquer investigação, segundo fórmula atribuída a Erving Goffman: O que está acontecendo aqui?

O frontispício aparece defronte à página de rosto de *Le gazetier cuirassé ou anecdotes scandaleuses de la cour de France*, um dos libelos mais chocantes e mais vendidos do Ancien Régime, e mostra como um libelista quis representar a si mesmo. Ele é um gazeteiro ou jornalista encouraçado que lança petardos em todas as direções, especialmente contra as figuras ameaçadoras que habitam os céus. Embora se destaque como uma imagem particularmente drástica de um escritor do século XVIII, é difícil decifrá-la (talvez propositalmente), pois o livro foi concebido para provocar. Utiliza dois recursos básicos para atrair e manter a atenção dos leitores: chocá-los com calúnias sobre os poderosos e diverti-los ocultando essas calúnias em alusões que têm de ser decifradas.

A primeira edição do *Le gazetier cuirassé* surgiu em 1771, no auge da maior crise política do reinado de Luís XV.¹ O *chancelier* [ministro da Justiça], René Nicolas de Maupeou, reorganizara o sistema jurídico do país por meio de um golpe, suficientemente espetacular para ser chamado de “revolução” pelos contemporâneos, que destruiu o poder político dos *parlements* (altos tribunais, que

muitas vezes se opunham à política real) e eliminou os principais obstáculos ao exercício do poder real. Com apoio da amante do rei, Jeanne Bécu, condessa du Barry, Maupeou e os ministros Emmanuel Armand de Vignerot (duque d'Aiguillon) e o abbé Joseph Marie Terray governaram a França com mão de ferro até a morte do rei em 1774. Houve protestos em profusão, muitos deles sob a forma de libelos, e tantos destes foram dirigidos a Maupeou que passaram a ser conhecidos coletivamente como Maupeouana. *Le gazetier cuirassé* destaca-se como o exemplo mais ousado e mais descarado dessa literatura subterrânea.

A primeira edição foi uma impressão grosseira em papel vagabundo, sem frontispício. A página de rosto proclama seu caráter: a obra regalará o leitor com anedotas escandalosas e destroçará as maiores figuras da França a partir de um local seguro, indicado pelo endereço: “Impresso a cem léguas da Bastilha, sob o signo da liberdade”. Um subtítulo, acrescentado na segunda edição, especifica que as anedotas transmitirão “notícias”, mas notícias de uma variedade bem peculiar: “políticas”, “apócrifas”, “secretas”, “extraordinárias”, “enigmáticas” e “transparentes” — e também indecentes, pois incluem material abundante sobre damas de pouca virtude. Esse tipo de jornalismo parece conformar-se com o gênero da *chronique scandaleuse* e vangloria-se de seu caráter sedicioso. No entanto, soa estranhamente brejeiro. O que o gazeteiro quer dizer com “miscelânea confusa sobre questões muito claras”, anunciada no subtítulo? Estaria provocando o leitor? E por que adota um tom jocoso ao discutir a crise política desesperadamente séria que acabara de engolfar a França? Há algo muito enigmático sobre essa gazeta.

Contrabandeado para a França, reimpresso e pirateado diversas vezes, *Le gazetier cuirassé* obteve tanto sucesso, *succès de scandale*, que em 1777 já recebera o requintado frontispício mostrado aqui e material suplementar revelando o funcionamento interno da Bastilha.² Edições subsequentes continuaram alardeando o endereço provocador, que identificava a França com despotismo, simbolizado pela Bastilha, e contrastava-a com a Inglaterra, a cem léguas de distância, onde a publicação ocorria “sob o signo da liberdade”.

A página de rosto da edição de 1777 parece arcaica aos olhos modernos, sufocada por excesso tipográfico. A tipologia inclui pelo menos oito fontes, incluindo caracteres redondos e itálicos, em caixa-alta e baixa, em combinações requintadas. O espaçamento e o uso de entrelinhas variadas criam padrões complexos e a configuração do material impresso força o olhar do leitor a dan-

çar de um lado para o outro das margens, e para cima e para baixo na página. Ler essa página de rosto é como contemplar uma fachada rococó de um edifício ou um quadro de Boucher. O design é ao mesmo tempo facecioso e provocativo, como o frontispício no verso (veja Figura 1), e desafia o leitor a decodificar os detalhes para desvendar o enigma do seu significado geral.

A legenda em latim na parte inferior do frontispício é a primeira peça do quebra-cabeça. Um leitor culto seria capaz de decifrar o suficiente da frase para perceber que celebra o poder do gazeteiro em destruir seus alvos.

Etna confere essas armas vulcânicas para o homem fiel,
Etna que derrotará a louca fúria dos gigantes.³

Por outro lado, uma epigrama latina em versos heptâmetros parece incongruente como porta de entrada de uma obra desfaçadamente escandalosa, pois parece dirigir-se a leitores sofisticados o bastante para ler latim e reconhecer o mito que evoca — a história de Tifão, um rebelde titânico que tentou tomar de assalto o reino de Zeus erguendo o monte Etna e lançando-o contra o céu. Zeus reage lançando uma saraivada de raios, que prendem Tifão debaixo do Etna, onde permanece até hoje, vomitando fumaça e lava. A despeito da couraça anacrônica, o gazeteiro evidentemente concebe-se como um herói moldado nos antigos. Contudo, em vez de identificar-se com os deuses, trata-os como adversários, “gigantes” que desferem rajadas de relâmpagos, enquanto ele próprio assume a posição de Tifão, disparando canhonadas vulcânicas. Ele é o herói, o “homem fiel”, que lidera um ataque contra as forças malignas das alturas.

As iniciais no topo do frontispício mostram quem são os vilões, embora identificá-los exija um pouco mais de decifração. Se conseguissem deslindar as letras convolutas e relacioná-las com as figuras mais eminentes de Versalhes, os leitores do século XVIII perceberiam que DB no canto superior esquerdo representa Du Barry, SF ao lado indica Saint-Florentin e DM no canto direito denota De Maupeou. Em 1771, quando o livro foi lançado, a condessa du Barry estava no auge de sua influência como amante de Luís XV. Louis Phélypeaux, conde de Saint-Florentin e mais tarde duque de La Vrillière, exercia autoridade sobre a Bastilha e a emissão das *lettres de châchet* [cartas em branco assinadas pelo rei que permitiam a seus portadores colocar qualquer pessoa na prisão por tempo indeterminado] na condição de ministro responsável pela *Maison du Roi* [en-

Figura 7. *Le gazetier cuirassé*, detalhe do frontispício mostrando uma lettre de cachet. (Cópia particular)

tourage militar, doméstico e religioso em torno da família real] e também pelo Département de Paris. E Maupeou, ministro da Justiça, acabara de produzir uma “revolução” no sistema de poder ao impedir que os *parlements* restringissem a autoridade do rei recusando-se a registrar os decretos reais.

As imagens debaixo das iniciais identificam os três grandes vilões mais explicitamente. O desenho de um barril à esquerda é um rébus que denota a amante do rei, pois no século XVIII (como ainda hoje) a última letra de *baril* não era pronunciada, dando aos libelistas oportunidades sem fim para fazerem trocadilhos com du Barry.⁴ Uma *nouvelle* típica, de um parágrafo, encontrada no texto ilustra bem essa maledicência: “A estátua equestre de um de nossos reis [i.e., a estátua de Luís XV erigida em 1763 onde hoje é a Place de la Concorde] apareceu coberta de imundícies até os ombros. Os perpetradores desse feito emborcaram sobre ela um daqueles barris usados nas valas de esgoto de Paris”.⁵ Serpentes saem da cabeça medusoide de Saint-Florentin e cospem raios que contêm lettres de cachet. O cachet, ou selo, aparece claramente como uma forma oval nas cartas, junto à frase “*et plus bas Phélypeaux*” (“e mais abaixo Phélypeaux”) — a fórmula padrão de tais documentos, que traziam a assinatura do rei (comumente grafada por um secretário) e, abaixo, a assinatura do ministro (neste caso, Phélypeaux, sobrenome do conde de Saint-Florentin) que efetivamente emitia o mandado de prisão.

A cabeça de Maupeou também cospe raios, como se indicasse sua tentativa de obliterar (*foudroyer*) toda oposição às medidas despóticas que promulgara. Assim como madame du Barry, Saint-Florentin e Maupeou são escarnecidos ao longo do texto, juntamente com o duque d'Aiguillon, o abbé Terray e outras figuras importantes do governo. Escrevendo no momento mais explosivo da crise desencadeada por Maupeou, o libelista queria dramatizar a ameaça de despotismo e a sua própria reação à tirania, visto que ele é o herói do livro. O frontispício mostra-o disparando cópias da sua obra, como se fossem balas de canhão ou metralhas, contra os poderes mais malignos da monarquia.⁶

Essa autodramatização estende-se por todo o introito do livro, especialmente a dedicatória, que parodia o estilo obsequioso das inscrições a patronos.

Epístola Dedicatória
a MIM
Caríssima Pessoa,

Rejubila-te em tua glória sem temeres qualquer perigo! A ele serás exposto, por certo, por obra de todos os inimigos de tua terra pátria. Aguçar-lhe-ás a fúria e duplicar-lhe-ás a ferocidade. Mas deves saber, caríssima Pessoa, que ao revelares os mistérios iníquos que perpetram nos recessos escuros e secretos de sua consciência, estarás vingando os inocentes. [...] Faze-os tremer, esses monstros cruéis cuja existência é tão odiosa e tão nociva para a humanidade. [...]

Conheço-te bem demais para reear qualquer transigência de teus princípios. Tua determinação é garantia de que jamais te desviarás deles. E, nesta opinião, sou teu, caríssima Pessoa.

Teu mais humilde e obediente servo,
Eu mesmo.

Não há dúvida quanto ao ímpeto político do livro: ele é dirigido às principais figuras do governo francês e ao despotismo que estariam perpetrando. Mas a retórica exagerada e autoglorificante é esmorecida por um tom de bufonaria, que vai gradualmente se dissolvendo em cinismo. Na metade do texto, o autor deixa de lado a pose de gazeteiro heroico e adota a postura do “filósofo cínico”, quando passa a lançar anedotas sem fim sobre prostitutas e seus clientes aristocratas. Ele descreve essas histórias como *nouvelles* e narra-as em parágrafos

curtos e lapidares, mais ou menos como os “flashes” de reportagem dos tabloides e dos programas de rádio modernos. Não há uma narrativa entretecendo essas anedotas díspares, que se sucedem desordenadamente uma após a outra, sem um tema que as conecte exceto a noção vaga da decadência moral que carcome as camadas superiores da sociedade. A maioria, especialmente na seção dedicada a “notícias da Ópera, vestais e matronas de Paris”, não tem significação política. Aparentemente, visam apenas chocar, divertir ou excitar e provocar o leitor. Muitas eram obviamente fictícias — muitas, mas não todas e não inteiramente: a mistura de fato e ficção conferia um sabor peculiar às notícias que apareciam nos libelos, em oposição aos relatos afiançáveis mas censurados da *Gazette de France* oficial. Cabia ao leitor filtrar a verdade dos rumores. É o que o próprio autor diz no prefácio, com sua petulância habitual: “Devo advertir o público que certas notícias que apresento como verídicas são, quase todas, prováveis e que dentre estas encontram-se outras cuja falsidade é óbvia. Não me imputo a necessidade de distingui-las; cabe às pessoas na alta sociedade, que conhecem a verdade e as mentiras (pelo uso frequente que fazem de ambas), julgar e fazer sua escolha”.

Mais um chamariz do que uma advertência, o prefácio alerta os leitores a respeito do que poderiam esperar do livro e como lê-lo. Também lhes atribui uma responsabilidade específica: devem se imaginar pessoas sofisticadas, *gens du monde*, capazes de triar os fuxicos e encontrar pepitas de verdade. *Le gazetier cuirassé* oferecia-lhes jogo e diversão, e certamente provocaria muito frisson acerca dos horrores do governo francês. Mas nem por isso deixaria de entreter. O livro podia ser desfrutado como um quebra-cabeça, como os jogos de palavras tão populares nas revistas literárias da época. Em vez de identificar claramente suas vítimas, o autor anônimo imprime apenas as primeiras letras de seus nomes, seguidos de reticências, asteriscos ou seus títulos, que sempre aparecem em itálico; e, ao expor suas vidas privadas, levanta apenas parte do véu. Cabe ao leitor fornecer as informações que faltam, captar as insinuações, descortinar as alusões e extrair a verdade que há no cerne de cada anedota.

As anedotas não seriam eficazes se fossem inteiramente fantasiosas; os libelos funcionavam melhor quando recorriam a meias verdades. O libelista lembra amiúde seus leitores que está sacando de um fundo de informações sólidas, as quais distorce em nome do refinamento do espírito. Após uma anedota sobre a doença venérea transmitida por madame du Barry ao rei, o autor afirma

em nota de rodapé: “Esta aventura pode muito bem não ser inteiramente verdadeira, mas foi-me assegurado que não é inteiramente falsa”.⁷ O livro é composto de notícias, mas notícias com tempero especial, e, ao admitir que ornamenta a verdade, o libelista torna sua mensagem ainda mais insidiosa, pois desafia o leitor a participar de um jogo que ele só poderá vencer decifrando enigmas repetidamente, até chegar aos fatos concretos no fundo das histórias. E de onde o autor obtinha esses fatos? O gazeteiro não revela suas fontes, mas libelos subsequentes indicam que ele tinha informantes em Versalhes. Dizia-se que um deles era uma mulher, de Courcelles, que estaria de posse de informações tão comprometedoras que não podia sequer confiar nos correios e por isso levava-as pessoalmente para ele em Londres.⁸

Os exemplos abaixo, extraídos de uma única página da primeira seção do livro, intitulada “Notícias políticas”, mostram como funciona sua retórica.

Ao primeiro oficial de justiça do velho *parlement* foi oferecido o cargo de primeiro presidente do novo [i.e., no tribunal subserviente que Maupeou instituíra no lugar do antigo *parlement* de Paris]; ele recusou.

O *magist*... e o duque d’*Aiguill*... dominam o *R*... de tal modo que o deixam livre apenas para dormir com sua amante, brincar com seus cachorros e assinar contratos de casamento.

As prostitutas de Paris fizeram tantas reclamações a madame du Barry contra o chefe de polícia que ele foi proibido de pôr os pés em qualquer b...⁹

As duas primeiras anedotas não devem ser lidas literalmente, mas ilustram atitudes que haviam se disseminado por toda a população parisiense: desprezo pelo tribunal que Maupeou criara para substituir o *parlement* de Paris e repulsa diante da disposição do rei em deixar-se manipular por seus ministros. A terceira anedota tinha certa base na realidade: madame du Barry havia sido prostituta.¹⁰ O livro amplia essa informação e transforma-a numa história sobre seu senso de solidariedade com as antigas colegas de profissão, a ponto de proibir a polícia de entrar em qualquer bordel. Uma nota de rodapé explicita esse ponto, observando que ela estendera sua “graça” a todas as meretrizes com que tinha convivido.

O livro é repleto de notas de rodapé, sincronizadas com as anedotas, cada uma das quais ocupa um parágrafo distinto no texto. A diagramação da página,

pois, estimula o olhar do leitor a mover-se para cima e para baixo, pulando de um comentário provocante para outro. Algumas notas ajudam o leitor a decifrar os nomes e entender o desfecho das anedotas, mas normalmente elas são usadas para acrescentar novos fatos tão escandalosos e ambíguos quanto os comentários no texto. Às vezes, chegam até a engodar e zombar do leitor. Uma delas diz: “Metade deste artigo é verdade”.¹¹ Qual metade? Cabe ao leitor decidir.

Frequentemente, os libelos da época de Luís xv pretendiam deliciar os leitores ao mesmo tempo que difamavam suas vítimas. Lê-los era participar de um jogo. Como nos *romans à clef* — outro gênero favorito da época —, que costumavam ser libelos disfarçados de romance, o jogo consistia em identificar as personagens cujos nomes apareciam dissimulados, geralmente com reticências. Em uma edição de *Le gazetier cuirassé*, as notas de rodapé foram transferidas para o fim do livro e identificadas como “Chave das anedotas e notícias”, adotando explicitamente o modelo do *roman à clef*.¹² O atrativo dos libelos para os leitores do século xviii ia muito além do efeito de choque dos escândalos narrados; era também o prazer de desvendar enigmas, montar quebra-cabeças, decodificar rébus, entender piadas e resolver charadas.

As charadas que vimos acima são fáceis de resolver. Mas o jogo de adivinhação torna-se mais difícil à medida que o autor vai mergulhando o leitor cada vez mais em “segredos de bastidores, os quais revelarei puxando a cortina”.¹³ Por exemplo: “Diz-se *sotto voce* que a condessa de *la Mar*..., impossibilitada de gerar um príncipe, decidiu ao invés conceber um bispinho e que recebeu naquela ocasião a bênção do coadjutor de Rheims, que é o prelado francês mais confiável para esse tipo de coisa depois de monsieur *de Montaz*... e do príncipe Luís”.¹⁴

Era de esperar que a maioria dos leitores reconhecesse a alusão anticlerical — um príncipe da Igreja pondo cornos num conde — e que muitos soubessem preencher as lacunas depois dos nomes: a condessa de *la Marck* e o arcebispo de Lyon, de *Montazet*. Mas uma nota leva a irreverência religiosa ainda mais longe: “Os três prelados mencionados aqui são os que mais se aproximam do cardeal de *Bernis*, que tomou e destilou doze ovos frescos em doze ocasiões distintas num intervalo de três horas”. A referência à notória vida sexual do cardeal *Bernis* em Roma é inequívoca, mas o que é exatamente a alusão aos doze ovos? Talvez uma referência a comportamentos escandalosos relatados em outro libelo contra *Maupeou*, *Oeufs rouges*. Talvez uma sugestão de que *Bernis* deflorara doze virgens em três horas, um recorde nos anais da sexualidade do clero fran-

cês, embora ele figure em outras partes do texto como um homossexual que prefere copular com cardeais.¹⁵ Maupeou, por sua vez, teria predileção por jesuítas, tema que permitiu ao libelista associar sodomia a rumores de que o governo pretendia restaurar a Sociedade de Jesus, que fora dissolvida em 1764.¹⁶ Embora tais ambiguidades e insinuações tornem o texto mais instigante, às vezes é impossível desemaranhá-las, mesmo com as notas que acompanham as anedotas e, ostensivamente, pretendem elucidá-las. Seja como for, ao pularem do texto para as notas e das notas para o texto, relacionando uma anedota a outra, é provável que os leitores do século XVIII fossem capazes de entender a maioria das piadas. E as que não conseguissem tornavam-se indicativas de mistérios ainda mais profundos a resolver. As dificuldades só aumentavam o prazer do jogo, que, à medida que ia se tornando mais difícil, dava aos leitores a sensação de estarem penetrando nos segredos mais íntimos e tenebrosos do Estado.

Quando expunha os mistérios do governo em vez da vida sexual do clero, o jogo se tornava sedicioso, ou mesmo revolucionário. *Le gazetier cuirassé* nunca pede a derrubada do regime nem vislumbra a possibilidade de uma mudança fundamental na ordem política. Como muitos outros panfletos antes de 1789, denuncia o despotismo ministerial. Entremeando piadas e charadas, faz algumas denúncias graves e diretas do mandato de Maupeou, mas essa mensagem óbvia não deve ser descartada como mera propaganda gerada pela política cortesã do século XVIII.¹⁷ Embora o libelista dirija a maior parte de seu ardor difamatório aos ministros que estavam no poder e demonstre simpatia por seus opositores (os que apoiavam o exilado duque de Choiseul), ele não evita criticar aqui e ali os choiseulistas¹⁸ — e exala forte desdém por todos os grandes: nobres, generais, juízes, cortesãos, clérigos, grã-finos e até literatos, incluindo Voltaire, d'Alembert e toda a Académie Française. Vistas em sua totalidade, as anedotas se encaixam como as peças de um mosaico, revelando o quadro de uma sociedade corroída pela incompetência, imoralidade e impotência. A incapacidade de os aristocratas propagarem sua linhagem é um dos temas prediletos do libelista, juntamente com as doenças venéreas transmitidas dos bordéis para a corte. Madame du Barry é a expressão máxima dessa linha de transmissão. Sendo uma plebeia e ex-prostituta que supostamente conduzia o rei com rédeas curtas, ela corporificava as violações sexuais e sociais que faziam Versalhes parecer a fonte de todas as coisas ofensivas à suscetibilidade do século XVIII. O escárnio pela corte estende-se ao próprio rei. Dominado por uma mulher depra-

vada, manipulado por ministros corruptos e incapaz de preservar a posição da França na Europa, Luís xv aparece como um ser vil e desprezível — a antítese de seu predecessor, Luís xiv, o Grande. E seu sucessor, o futuro Luís xvi, não seria capaz sequer de procriar um herdeiro.¹⁹

Embora não expresse simpatia alguma pelo republicanismo, *Le gazetier cuirassé* avilta os símbolos que haviam criado uma aura sagrada em torno dos monarcas franceses — o cetro, o trono, o próprio corpo do rei, corrompido pela varíola e destituído de virilidade.²⁰ Em certo momento, o gazeteiro ataca até mesmo o fundamento religioso da monarquia: “Desafio os reis da França a provar sua origem divina apresentando o contrato que assinaram com o pai eterno”.²¹ Edições posteriores da obra contêm um suplemento que expõe os horrores da Bastilha — as celas isoladas, as paredes grossas, o frio penetrante, a terrificante escuridão, os ratos e lagartos, os odores mefíticos, a comida repulsiva — “que clamam por vingança perante Deus e os homens”.²² Esse protesto se conforma com o leitmotiv que percorre toda a literatura libelista — a monarquia francesa se degenerara em despotismo — e está presente não só em *Le gazetier cuirassé* mas também em obras anteriores, como *Mémoires sur la Bastille* (1783), de Simon-Nicolas-Henri Linguet, que transformaram a Bastilha num mito que expressava tudo que os franceses temiam e odiavam em seu sistema político. Entretanto, a retórica radical é entremeada com motejos e ditos espirituosos de mau gosto. A mistura parece incongruente para o leitor moderno, mas o que achavam os leitores franceses do século xviii?

Não sabemos. Como acontece com a maioria das obras daquele século, há poucas informações sobre a recepção do *Le gazetier cuirassé* entre os leitores comuns. Todavia, o impacto do livro pode ser apreciado pela reação de um leitor extraordinário: Voltaire. As obras de Voltaire tinham escandalizado o público leitor de toda a Europa e, tendo sido censuradas e queimadas, também elas circulavam clandestinamente. Para seu autor, entretanto, nada tinham em comum com *Le gazetier cuirassé*, que o horrorizara: “Uma obra satânica acaba de surgir na qual todos, do monarca ao último dos cidadãos, são furiosamente insultados, na qual as mais atrozes e absurdas calúnias espalham hediondo veneno sobre tudo o que respeitamos e amamos”.²³

A reação de Voltaire, contudo, requer alguns comentários. Ao contrário da maioria dos outros *philosophes* [pensadores iluministas], Voltaire apoiava o ministério de Maupeou e aplaudiu a destruição dos *parlements* como uma vitó-

ria sobre os poderes da superstição e do farisaísmo que haviam condenado não só seus livros, mas também vítimas inocentes de uma justiça extraviada, como Jean Calas. Além disso, o próprio Voltaire é caluniado no *Le gazetier cuirassé*. O gazeteiro o ridiculariza como um pederasta e, para piorar, observa que Voltaire acusara Fréron do mesmo vício.²⁴ Voltaire frequentemente lançava epítetos como *bougre* [“fanchono” ou sodomita] contra seus inimigos, talvez até mesmo contra Frederico II (uma referência ao capitão dos “búlgaros” em *Cândido* é provavelmente uma alusão à homossexualidade de Frederico). Será que Voltaire pode também ser considerado um libelista?

Embora a pergunta soe absurda, não há como negar que Voltaire recorreu à calúnia e à difamação em suas obras polêmicas. Em 1759-60, quando os *philosophes* sofreram ataques de todos os lados — da Igreja, do *parlement* de Paris, do Conselho do Rei e até da Comédie Française, sem falar na legião de panfletistas ávidos por explorar o ânimo repressivo de Versalhes depois que Robert François Damiens tentou assassinar Luís XV —, d’Alembert pediu ajuda a Voltaire: os *philosophes* em Paris estão encostados contra a parede, escreveu. Voltaire, como comandante em chefe dos iluministas, deveria socorrê-los com uma barragem de panfletos, que poderia produzir na segurança de seu retiro em Ferney, perto da fronteira com o cantão de Genebra. Voltaire concordou e começou a preparar sua munição. Descubram podres sobre os escritores da ala inimiga, instruiu a seus agentes em Paris. Não houvera algum tipo de suruba quando o arcebispo de Lyon interveio em prol das enfermeiras do hospital? Qual jesuíta do Collège Louis le Grand era mais famoso por tomar liberdades com os alunos? “É coisa boa expor os farsantes”, escreveu Voltaire, e solicitou que lhe enviassem *anecdotes* — o ingrediente essencial de todos os libelos, desde o seu *Anecdotes sur Fréron* até best-sellers como *Anecdotes sur madame la comtesse du Barry*.²⁵ D’Alembert respondeu com relatos de como Abraham Chaumeix contraíra doença venérea no Opéra Comique e como o abbé Nicolas Trublet seduzia paroquianas no confessionário.²⁶ Quando acumulou informações suficientes desse tipo, Voltaire colocou-as em salvas de obras anônimas que começou a disparar de Ferney. Elas contribuíram para virar a maré da opinião pública em 1760, mas Voltaire continuou atirando contra os inimigos do Iluminismo até sua morte em 1778.²⁷ Na verdade, ele produziu obras libelistas desde o início de sua carreira: depois de ter sido (erroneamente) apontado como autor de libelos contra o regente (em especial, o maldosíssimo *Philippi-*

ques, de François Joseph de La Grange-Chancel), passou sua primeira temporada na Bastilha em 1717. Por outro lado, libelistas podem ser encontrados em toda parte nas batalhas políticas e literárias do século XVIII — as *mazarinades* do século XVII, os *flugschriften* da Reforma, as *pasquinades* da Renascença e gêneros similares que remontam desde a Antiguidade. Nem todos esses tipos de literatura podem ser vistos como difamatórios, mas os libelos expressavam um estilo particularmente polêmico. Voltaire em Ferney usou as mesmas táticas do libelista que o atacara. Por trás de *Le gazetier cuirassé* existe uma vasta literatura que merece ser resgatada do esquecimento. Uma maneira de começar é perguntando: Quem foi o gazeteiro encouraçado?